

Populações tradicionais: abordagem etnobotânica

Miquéias O. de Souza

ALBUQUERQUE, U. P. *Introdução à Etnobotânica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93 p.

O livro faz um apanhado histórico ao surgimento do termo “etnobotânica”, além de mostrar-nos os atores principais que trabalham com a etnobotânica, o que falam e fazem, suas formas de trabalho, suas formas de abordar populações tradicionais e como estas percebem, classificam e fazem usos dos recursos naturais disponíveis.

Segundo o autor, a etnobotânica é uma subárea da etnobiologia e estuda a relação homem/planta de culturas viventes, disso, afirma que a origem do termo vem do século XIX, sendo designado por um americano, Harsberger. Diz, ainda, que a etnobotânica, como etnociência, é um dos campos mais avançados em pesquisas, principalmente em pesquisas que se relacionam aos fármacos e se apresenta de forma interdisciplinar por agrupar em seus estudos, antropólogos, biólogos, sociólogos, entre outros.

O autor coloca que: “muitas plantas, sejam isoladas ou em combinação com outros elementos, podem ter um papel no mecanismo de regulação social de uma sociedade” (p. 11). Faço aqui minha observação quanto à afirmação feita pelo autor: é importante salientar que cada sociedade utiliza e enxerga a natureza de acordo com seu modo de viver, sua cultura, sendo assim, cada grupo social pode ou não utilizar os recursos vegetais como controle social. O autor ainda utiliza o termo “conhecimento botânico de folk (ou tradicional)” (p. 12), referindo-se a todos os grupos sociais, no entanto, o uso desse termo e de outros similares (comunidades tradicionais, culturas tradicionais, etc.) vem sendo muito questionado quanto à sua utilização de forma adequada, fiquemos atentos!

Todos os grupos sociais ditos “tradicionais” vêm utilizando, ao longo do tempo, sua própria classificação taxonômica das plantas, porém, isto não basta para o pesquisador, é necessário a identificação científica destas como requisito ao estudo etnobotânico, além de métodos a serem elaborados para estudar o uso e manejo dos recursos vegetais, mais uma preocupação para os pesquisadores. No entanto, o primeiro método utilizado foi o de listagem livre ou qualitativo, porém, este método por si só, não trazia resultados satisfatórios para outras questões que foram surgindo, por exemplo, criação de modelos para uso sustentável dos recursos analisando a frequência e distribuição das espécies, comparação quanto ao uso dos recursos entre comunidades, etc. Daí se passou a trabalhar com dados quantitativos, suprimindo esta carência, além de análises da planta em si para a comunidade (importância cultural). O autor expõe aqui, alguns métodos de trabalho em etnobotânica.

Outro ponto levantado no livro, é que, para abordar estes métodos, outra questão é levantada, pois a etnobotânica não possui, ainda, estrutura própria e, como disciplina interdisciplinar, ela também busca a junção da antropologia, botânica e ecologia em suas abordagens. Porém, todo etnobotânico deve buscar respostas satisfatórias a seus questionamentos, pois isto é o mais importante na pesquisa. Mas, para que isto aconteça, é necessário saber adquirir essas respostas mediante o entrevistado.

O capítulo 4 do livro fala sobre a classificação do mundo natural pelas “comunidades tradicionais”, sendo feita através da percepção ou descontinuidades por eles observada, como por exemplo, diferenças de cor, cheiro, sabor, entre outros atributos, permitindo assim o enquadramento da

fauna e flora em níveis hierárquicos, assim como, na classificação científica de plantas que utiliza o sistema binário para identificação de espécies.

Os etnobotânicos estudam a relação homem/planta, como dito anteriormente. No entanto, o autor coloca alguns pressupostos teóricos que muitas vezes não condizem com a cultura de algumas “comunidades tradicionais”, pois estas agem de acordo com a apresentação do mundo natural em sua volta, ou seja, como esse mundo se apresenta a elas: “As diversas sociedades ou culturas, em seus respectivos ambientes, detêm conhecimento sobre o aproveitamento das plantas do seu meio” (p. 55).

Finalizando, no capítulo 6, temos: etnobotânica, ciência e sociedade. Segundo o autor, o saber popular dá o primeiro passo à cura de algumas patologias através de seus conhecimentos, ajuda a manter os recursos genéticos vegetais, descobrindo novos fármacos, busca meios para que isto volte em forma de benefícios para suas comunidades, além de valorizar o saber popular e manter os recursos vegetais de onde se extrai a matéria prima, pois há uma acelerada devastação dos recursos vegetais tanto em áreas tropicais como em outros ecossistemas frágeis.

Para encerrar esta resenha, recorremos a uma pequena reflexão proposta pelo autor:

Os homens têm muito a dizer das plantas, e as plantas – do mais modesto criptógamo ao fanerógamo desbravador de alturas, das células vivas e fotossintetizantes aos recursos reprodutivos amalgamados dos sítios arqueológicos – o que tem a dizer dos homens? (p. 64)

Nota sobre o autor

Mestrando em Sustentabilidade de Ecossistemas na Universidade Federal do Maranhão.